

## A DINÂMICA URBANA E O PROCESSO DE VERTICALIZAÇÃO: uma análise sobre a pequena cidade de Nova Palma (RS)

Vanessa Manfio

Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários | Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
nessamanfio@gmail.com

Gilda Maria Cabral Benaduce

Pesquisadora do Lab. de Estudo e Pesquisa Regional | Universidade Federal de Santa Maria  
g.benaduce@gmail.com

**RESUMO:** O espaço urbano é marcado pela construção de edificações, concentração populacional e de prestação de serviços, gestão administrativa, verticalização urbana, fluxo de informação e transporte. Nas pequenas cidades estes elementos são menos intensos e em muitos casos, o urbano apresenta uma expressiva relação com o rural. Este é o caso da pequena cidade de Nova Palma, cujos serviços e atividades permeiam entre as atividades e necessidades do meio rural. Porém, observa-se que a área urbana vem passando por um processo de urbanização que tem implicado na verticalização da cidade. Pensando nisso, este estudo tem como objetivo central analisar a dinâmica e verticalização da cidade de Nova Palma.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pequena cidade; dinâmicas urbanas; verticalização urbana; Nova Palma/RS.

### 1. INTRODUÇÃO

As cidades são o espaço de representação social e materialização das ações humanas, vistas pela construção de residências, estabelecimentos comerciais, equipamentos urbanos (ou seja, bens públicos e privados destinados à prestação de serviços necessários para o funcionamento da cidade) e instalações industriais.

As cidades estão sempre em movimento, devido à atuação do capital e dos atores produtores do espaço que dinamizam as atividades e fenômenos presentes no contexto citadino.

As pequenas cidades também estão inseridas nesta lógica capitalista que articula a produção do espaço. Evidentemente, que a intensidade dos fenômenos e elementos urbanos é menor nas pequenas cidades em relação com os grandes centros urbanos, mas não menos importantes, principalmente visto que existem no Brasil pequenas cidades exercendo papéis importantes no cenário regional.

Propusemos, por meio deste estudo, analisar as dinâmicas urbanas e o processo de verticalização da pequena cidade de Nova Palma, na busca de melhor entender as formas e a reorganização do espaço urbano, diante da intensificação da concentração populacional e de serviços. Para cumprir o objetivo do estudo utilizou-se o método histórico – analítico, e as técnicas de análise espaço - temporal e trabalho de campo.

O texto encontra-se estruturado em três partes, sendo a primeira de discussão teórica sobre a dinâmica urbana e o processo de verticalização das cidades. Na segunda parte encontram-se as discussões dos resultados da pesquisa, com o diálogo acerca da verticalização e dinâmicas do espaço citadino de Nova Palma. No fechamento do artigo estão dispostas as considerações das discussões propostas no artigo.

## 2. A DINÂMICA URBANA E A VERTICALIZAÇÃO DAS CIDADES

A cidade constitui-se no espaço da materialização de diferentes usos e formas próximas e interligadas entre si, como também da intensificação do movimento, circulação de fluxos e construção de formas espaciais.

Conforme Silveira (2003, p.25):

[...] o espaço urbano deve ser compreendido enquanto produto social e histórico, ou seja, como resultado da atividade de uma série de gerações que, através de seu trabalho acumulado, tem agido sobre ele, modificando-o, transformando-o, humanizando-o, tornando-o um produto cada vez mais distanciado do meio natural.

Para Corrêa (1995) o espaço urbano pode ser estudado, a partir do ponto de vista que considerando - o como um conjunto de pontos, linhas e áreas ou pode ser visto como forma espacial em suas conexões com estrutura social, processos e funções urbanas. Por outro lado ainda, o espaço urbano, é analisado como qualquer outro objeto social, abordado num paradigma de consenso ou de conflito.

Isto permite entender a cidade como conjunto de elementos, processos, estruturas e funções sociais que estão em movimento e podem estar em conflitos devido à intensificação dos atores e processos envolvidos no espaço.

No que tange as pequenas cidades, Endlich (2006) afirma ser o conceito de pequenas cidades de difícil elaboração. As localidades assim denominadas oferecem elementos para se discutir não só o conceito de pequenas cidades como o próprio conceito de cidade, pois nelas são avaliados os aspectos comparativos entre a cidade e a não - cidade, deixando de interpretar os elementos constituintes dessas cidades.

Nas discussões de Santos (1979) é utilizada a denominação cidade local para elucidar o conceito de pequena cidade, sendo, portanto, a cidade local considerada aquela com a dimensão

mínima, a partir da qual as aglomerações deixam de servir às necessidades da atividade primária para servir as necessidades inadiáveis da população com verdadeira especialização do espaço.

As pequenas cidades são localidades com número inferior a 10.000 habitantes, compreendidas pela sede administrativa do município e estando sujeitas a dependência do poder público, pois as rendas econômicas dos setores produtivos e os empregos são reduzidos (BACELAR, 2009).

Numa outra visão, Manfio e Benaduce (2011) caracterizam as pequenas cidades por todos os lugares serem próximos, não há presença de ônibus municipais que circulam dentro da própria cidade, das periferias para o centro e vice versa, pois na cidade de pequeno porte o centro confunde-se com os bairros.

Nas pequenas cidades, assim como nas grandes cidades, o espaço é apropriado por agentes produtores que fazem do espaço urbano uma mercadoria (RAMIRES, 1998). Podem-se destacar como mercadorias produzidas nas cidades: as edificações, responsáveis por abrigar atividades urbanas e também espaços de moradia que sinalizando a dinâmica urbana.

Para Carlos (2006) a reflexão sobre as dinâmicas urbanas obriga-nos a considerar o movimento da história enquanto possibilidade da construção real e continuada da cidade, ou seja, significa analisar a cidade enquanto prática espacial em sua constituição social e histórica.

Partindo deste pressuposto, as cidades crescem e modificam suas realidades, adquirindo novas formas urbanas e passando por processos de construção social e urbana diferenciado. Esse é o caso das pequenas cidades que com a incorporação do capital e o aumento populacional vêm imprimir a verticalização da cidade, ou seja, edificações com vários andares, abrigando várias funções como residência e comércio que alteram a paisagem das cidades.

Para França e Almeida (2015, p. 584):

A cidade se expande como reflexo das relações capitalistas de produção por meio da atuação dos agentes econômicos, políticos e sociais que controlam e promovem a produção do espaço urbano. O processo de verticalização insere-se dentre as inúmeras estratégias para a reprodução do capital que vem alterando a configuração, a paisagem urbana e o modo de viver nas cidades.

Dentro desta lógica as formas e conteúdos urbanos são alterados com o tempo, efeitos da relação homem, capital e cidade que promovem a construção espacial. O homem ao adaptar-se e criar condições para sua vivência altera a cidade a partir do uso de técnicas, cada vez mais, modernas.

Numa outra visão, a verticalização surge no cenário urbano como um mecanismo de modernização e superação das necessidades de melhor ocupação do solo urbano. De acordo com Melo e Romancini (2013) no aspecto mundial e brasileiro, a verticalização aparece de início principalmente nas grandes cidades, com o objetivo de suprir as necessidades de uso do solo

urbano, defendendo a ideia de desenvolvimento e modernização. É empregada ao uso residencial como forma de prover as carências de moradia pela população.

Pensando na lógica econômica a verticalização pode representar um aproveitamento maior do terreno e conseqüentemente maior lucratividade com a construção de edifícios que atendem maior número de pessoas e serviços. Conforme Oliveira (2012, p. 26): “em virtude das condições naturais dos lotes ou da maneira como é realizada a construção da edificação, que pela minimização dos custos de produção possibilitem auferir lucros extraordinários.”

Para Ganzales (1985) a construção em áreas da cidade em que são permitidas edificações de forma verticalizada, aplica-se mais capital obtendo-se mais área e mais serviços por metro quadrado de solo, em relação a outros setores onde não se constrói em altura.

Então a verticalização representa uma ampliação da renda através do interesse dos atores urbanos ou um processo necessário devido à falta de solo urbano (terreno onde esta assentada à cidade) para o crescimento urbano.

Entre os atores urbanos ou agentes que produzem e reproduzem as cidades estão: os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado, os grupos sociais excluídos (CORRÊA, 1995).

Os atores produtores do espaço urbano constroem edificações para gerar renda, muitas vezes, aplicam capital na construção de prédios para posteriormente serem comercializados para sociedade. Esta prática tem se tornado muito comum também nas pequenas cidades, onde detentores de capitais financeiros constroem prédios para venda ou aluguel.

Para Silva (2008, p.18)

Os proprietários de terras agem de forma a adquirir a maior renda fundiária possível, por isso estão interessados em converter a terra rural em terra urbana, pois elas seriam mais lucrativas, especialmente quando direcionadas ao uso comercial e residencial.

A atuação dos atores produtores do espaço contribui para a intensificação da dinâmica urbana. Assim, Diógenes (2012) coloca como novas dinâmicas urbanas estão sendo observadas nos diferentes cidades, emergindo das mudanças ocorridas, principalmente no novo contexto de globalização e da sociedade da informação.

A verticalização não consiste apenas na construção de prédios, mas como uma estrutura de concentração de serviços, pessoas e atividades. Assim, o conceito de verticalização é para Ferreira (2004) definido a partir de um substantivo feminino e tem como significado, o ato ou efeito de verticalizar, ou seja, colocar na posição vertical.

Segundo Silva (2008, p. 16) a “verticalização é a construção destinada à residência ou concentração de escritórios, composta de vários pavimentos, capaz de revolucionar a paisagem urbana”.

Ressaltam Töws et. al. (2009, p. 95 apud Oliveira 2012), “verticalizar é construir novos solos sobrepostos, habitações dispostas em diversos andares, possibilitando, assim, a moradia em uma área que, sem esse edifício, não comportaria o mesmo contingente de pessoas. ”

A verticalização pode ser apontada como um exemplo de materialização das transformações técnicas que atingem as cidades contemporâneas de forma contundente. Tal fato não deve ser considerado apenas como uma consequência natural da urbanização, mas também pelos diferentes fatores sociais e interesses econômicos que envolvem as cidades (MACHADO; MENDES, 2003).

O processo de verticalização é positivo, pois segundo Ueda (2012, p.4): “as cidades verticalizadas apresentam vantagens inerentes ao adensamento da ocupação urbana, intimamente relacionada à maior capacidade e conseqüentemente, a menores distâncias de deslocamento, melhor aproveitamento de infraestrutura e equipamentos urbanos e, por fim, na diminuição de custos energéticos, sociais e ambientais”.

No entanto, a verticalização também apresenta aspectos negativos como são abordados no texto de Silveira e Silveira (2014), os problemas decorrentes da verticalização das cidades são: o aumento da impermeabilização, o sombreamento dos prédios que causa um contraste térmico, o estrangulamento dos pátios e a falta de privacidade dos moradores devido à proximidade das residências.

Ressalta Bortolatto (2010) os prédios têm tomado o lugar de casas antigas que representam a identidade do povo, assim como as intensas áreas de construções e verticalizações tem diminuído as áreas verdes das cidades.

Neste processo, muitas casas antigas estão sendo substituídas por modernos edifícios, implicando numa alteração da paisagem e da história da cidade, já que as estruturas antigas estão desaparecendo.

Este processo de verticalização da cidade era comum nas grandes cidades brasileiras, entretanto, nas últimas décadas, tem se tornado marcante também nas cidades menores, devido aos avanços e diversificação dos papéis urbanos e a especulação financeira. Na visão de Oliveira e Silveira (2014, p.184): “A verticalização urbana brasileira é um processo que não está mais restrito as metrópoles e grandes cidades. Está presente nas cidades médias e pequenas”

De acordo com Nucci (2008) a verticalização do espaço urbano pode ocasionar mudanças no meio físico (através da alteração da drenagem e do micro clima), no sossego público, na mobilidade e na paisagem.

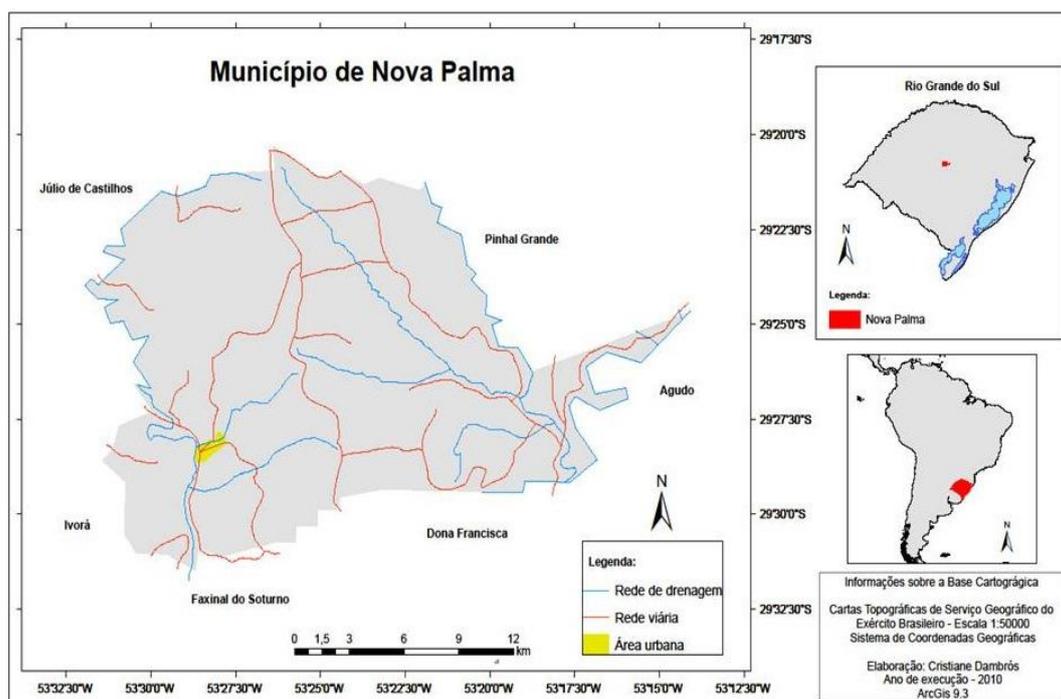
Nesse sentido, a verticalização tem alterado a paisagem urbana de muitas cidades brasileiras, inclusive das pequenas cidades, que, nos últimos anos, vem visualizando a intensificação deste processo como efeito da urbanização e produção do capital. Assim, a verticalização da cidade tem sido um retrato visível na pequena cidade de Nova Palma no Rio Grande do Sul, transformando a paisagem e as condições urbanas de moradia.

### 3. O PROCESSO DE VERTICALIZAÇÃO DA CIDADE DE NOVA PALMA – RS

A pequena cidade de Nova Palma encontra-se localizada na região central do Rio Grande do Sul, próximo a cidade média de Santa Maria, num vale formado pelo Rio Soturno e seus afluentes na área do Rebordo do Planalto Meridional. A condição do sítio urbano estar no vale formado pelo Rio Soturno implica em muitas dificuldades para o desenvolvimento da referida cidade, principalmente para a expansão da urbanização, devido à presença de cursos d'água e áreas montanhosas que circulam a cidade (Figura 1).

O assentamento da área urbana de Nova Palma no vale do Rio Soturno tem implicado também nos problemas de enchentes intensificados, nos últimos anos, com o aumento da urbanização. As enchentes em Nova Palma atingem moradias, estabelecimentos comerciais e destroem infraestruturas urbanas como: pavimentação e pontes. Essa problemática demanda novos estudos e estruturação do espaço urbano, a fim de conter os problemas ambientais - urbanos.

**Figura 1:** Mapa de Localização geográfica da área de estudo (2010)



**Fonte:** IBGE adaptado e organizado por DAMBRÓS, C.

No que tange a formação histórico-cultural da cidade, pode-se dizer que tem suas origens a partir da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Nova Palma pertence à área do quarto núcleo colonial de imigrantes italianos, ou seja, Colônia Silveira Martins, hoje conhecida como região Quarta Colônia de Imigração Italiana (ou simplesmente Quarta Colônia).

Segundo Manfio (2011) o município de Nova Palma originou-se a partir da colonização da região da Quarta Colônia em meados de 1882. Mediante a imigração espontânea dos italianos na região, foram criados vários núcleos interioranos na Colônia Silveira Martins, entre eles o núcleo barracão (nome oriundo da construção do rústico barraco que abrigava os agrimensores e os primeiros colonizadores) que atualmente é o espaço urbano novapalmense.

Assim, a pequena cidade de Nova Palma teve suas origens com o processo de colonização italiana no Rio Grande do sul, dos quais foram assentados os imigrantes no espaço, construindo as primeiras construções e serviços nas proximidades do Rio Soturno e Arroio Portela. Posteriormente, foram migrando, para Nova Palma, moradores de outras localidades e constituindo a cidade e o município como um todo. O município adquire sua emancipação política de Júlio de Castilhos, em 29 de julho de 1960, neste período, os habitantes concentravam-se no meio rural e desenvolviam a agricultura familiar.

A colonização italiana foi responsável pela formação de uma identidade cultural marcada pela religiosidade, pela gastronomia e pela materialização espacial (através da presença de casarões centenários, a plantação de videiras, plantação de pomares e hortas nos pátios das casas e demais artefatos identitários).

Em Nova Palma, a colonização italiana e as condições ambientais contribuíram para o desenvolvimento do setor primário no município, em um sistema de agricultura familiar (MANFIO, 2011). A agricultura é a principal fonte de renda do município, sendo deste setor as contribuições financeiras para produção e reestruturação urbana, com a formação de estruturas e empresas/cooperativas beneficiamento dos gêneros agrícolas tais como: a Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda (CAMNPAL) e Cooperativa dos Transportadores Autônomos de Nova Palma (COTRAPALMA) e capital para investimento em equipamentos e serviços urbanos.

Com isso, a dinâmica urbana de Nova Palma baseia-se na industrialização, comercialização de gêneros agrícolas e demais serviços ligados ao setor primário como instalação de agências bancárias (por exemplo: Sicredi e Cresol) e lojas de comercialização de sementes, insumos agrícolas e maquinários.

Destaca-se ainda, que a população concentra-se no espaço rural, embora, nas últimas décadas, a população urbana de Nova Palma tem crescido expressivamente, refletindo no aumento da urbanização. Na tabela 1 é possível observar que em 1970 a população urbana de

Nova Palma era de 1019 habitantes e em 2010 chegava a 3083 habitantes numa evolução progressiva neste período de 1970 a 2010 (Censo demográfico - IBGE).

**Tabela 1:** População de Nova Palma - RS no período de 1970 a 2010 (maio de 2016)

Ano	População total (nº de hab.)	População rural (nº de hab.)	População urbana (nº de hab.)
1970	7995	6976	1019
1980	8031	6557	1474
1991	7656	5571	2085
2000	6312	3648	2664
2010	6342	3259	3083

**Fonte:** Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010 – IBGE

Nota-se que mesmo com a diminuição da população total do município no período de 1970 a 2010 ocorre um crescente aumento da população urbana e diminuição da rural. Isso se deve pela oportunidade de emprego e renda que a cidade vem proporcionando com a criação de novos serviços e infraestruturas, e a diminuição de trabalho no rural frente à modernização da agricultura (inserção de maquinários e insumos agrícolas). O melhoramento de estradas e comunicação no rural também tem facilitado à moradia no meio urbano e o trabalho no rural.

Com o aumento da população urbana, a partir da década de 1990, houve uma proliferação de construções urbanas residenciais com dois andares na pequena cidade de Nova Palma.

A construção de edifícios de dois a três andares aparece como forma de aproveitamento do terreno urbano, cujos pais e/ou irmãos constroem este tipo de estrutura para morar. Dessa forma, cada andar serve de residência para um membro da família com seus novos agregados (cônjuges e filhos) conforme figura 2.

**Figura 2:** Construção urbana de três andares



**Fonte:** foto pesquisa de campo (jan. de 2016)

A herança cultural é também retratada nas construções das residências de dois e três andares as quais espelham-se no imigrante italiano cujas casas com mais de um andar, guardavam, na parte debaixo da residência, alimentos, materiais e instrumentos de trabalho, lá também ficavam a cantina e a despensa. Assim, as casas com essas características são construídas até hoje pelos novapalmenses, ou seja, na parte superior ficar a casa e na inferior o porão que é utilizado como espaço de garagem, armazenamento de materiais e lazer.

Após os anos 2000, nota-se na cidade a construção de prédios com estruturas de quatro e cinco andares apresentando estruturas comerciais no primeiro andar do prédio e residências nos andares superiores. Estas construções marcam o início dos serviços de aluguéis de apartamentos na cidade, pois antes os aluguéis eram exclusivamente de casas.

Assim, agentes produtores do espaço com capital para o investimento têm construído prédios para comercializar sobre a forma de aluguéis, contrato de compra e venda, representando novas formas de aquisição de renda financeira. Isto tem se tornado um investimento lucrativo, já que os novapalmenses têm buscado residir em prédios e tem encontrado estruturas funcionais, principalmente quanto à questão de segurança dos edifícios e condomínios.

Na oferta de empreendimentos verticalizados está inclusa mais segurança e localizações acessíveis de infraestrutura urbana, no entanto, estes apresentam menos áreas verdes e espaços de lazer, às vezes insuficientes para atender a qualidade de vida dos habitantes residenciais. (SILVEIRA; SILVEIRA, 2014).

Na cidade de Nova Palma observa-se prédios com poucos espaços de lazer e áreas verdes, implicando num problema, especialmente para os moradores com crianças, pois elas precisam de espaço para socialização.

Ainda, os prédios construídos em Nova Palma têm duas funções atender ao aumento de moradas e também a instalação do comércio, devido à intensificação da urbanização, vista através do aumento da população urbana, dos equipamentos urbanos e o investimento dos agentes produtores do espaço em construções do tipo edifícios.

A verticalização da cidade de Nova Palma tem adquirido maior expressividade, atualmente também pela falta de espaço para o crescimento da cidade, por ser a área urbana cercada por morros e cortadas por rios como foi mencionado anteriormente. Este fato gera uma pressão imobiliária com a elevação do preço dos terrenos urbanos, contribuindo para o aproveitamento dos terrenos na construção de várias moradias – os prédios.

A ausência de espaço para construção de residências e instalações comerciais em Nova Palma é decorrência também da presença de vazios urbanos, entendidos como espaços não construídos, geralmente terrenos como áreas livres no interior do perímetro urbano.

Para Kowarick (1993) os vazios urbanos desempenham um importante papel como elemento especulativo nas cidades, uma vez que favorecem não só a especulação imobiliária, mas também a valorização de terras urbanas.

Em Nova Palma, muitas pessoas, de alto poder aquisitivo, tem terrenos no centro da cidade, adquiridos por heranças familiares, mas não tem interesse em construir e nem vender, pois consideram um investimento financeiro. Dessa forma, os preços dos terrenos são elevados e difíceis de adquirir por novos moradores que acabam comprando apartamentos em prédios construídos na cidade.

Outro fator que contribui para a falta de terrenos disponíveis para construção civil na cidade Nova Palma é a existência de prédios e casarões antigos no centro da cidade que são elementos históricos do município, preservados para manter a memória urbana. Algumas construções antigas não têm condições para habitação, pois estão desprovidos de reformas e não são considerados legalmente como patrimônio histórico, mas aguardam procedimentos legais para destruição ou mesmo estão abandonados pelos herdeiros que não necessitam do dinheiro da venda do terreno.

Ainda, a construção de prédios com vários apartamentos e com infraestruturas modernas e elevadores tem refletido nas novas formas urbanas e nos projetos de engenharia (Figura 3), marcando uma nova dinâmica urbana que tem investido nos serviços de construção civil e criação de fábricas de materiais de construção como é o caso da Fábrica de telhas e cerâmicas Durabile, que iniciou suas atividades em março de 2005.

**Figura 3:** Prédio na área central da cidade de Nova Palma- RS



**Fonte:** foto pesquisa de campo (jan. 2016)

Atualmente, a cidade de Nova Palma conta com nove prédios construídos e locados, dois prédios em construção (Figura 4) e novos projetos urbanos de edifícios, inclusive de um prédio para abrigar clínicas médicas e demais serviços na área da saúde que representaria uma melhoria também na saúde pública da cidade. Além de várias residências de dois e três andares que abrigam mais que uma família.

Evidencia-se, que o processo de verticalização na cidade de Nova Palma não está restrito à área central da cidade, pois se direciona também para demais áreas da cidade como: a área periférica da cidade no bairro planejado Belvedere. Nesta área, a construção de um prédio residencial/condomínio com infraestrutura de pavimentação asfaltada, rede de energia elétrica e água, quadra de esportes, trilha de caminhada entre outros benefícios propõe uma forma de moradia diferente para classe mais elitizada.

**Figura 4:** Construção do prédio na área central da cidade de Nova Palma



**Fonte:** foto pesquisa de campo (jan. de 2016)

Esta condição de condomínios residenciais elitizados tem sido uma dinâmica comum nas cidades, refletindo numa descentralização do urbano e uma concentração de serviços no centro da cidade. Em Nova Palma, começa-se a aparecer esses condomínios, numa tentativa de especulação imobiliária, atendendo a falta de terrenos urbanos.

A intensificação das construções urbanas tem levado a necessidade de criação de novos bairros em Nova Palma que nas décadas passadas, era representado pelos bairros Centro e Barracão e por duas COHABs (MANFIO, 2015). Assim, o poder municipal prevê a criação de novos bairros frente ao crescimento urbano de Nova Palma.

Nota-se a presença de pessoas mais jovens morando em apartamentos de prédios na cidade de Nova Palma, especialmente pela possibilidade de alugar frente a falta de terrenos disponíveis para compra, além das famílias recém formadas serem pouco numerosas e os seus membros passarem muito tempo no trabalho.

Os antigos moradores da cidade ou casais provenientes do meio rural apresentam residências baixas, pois necessitam de espaço para o cultivo da horta e pomares, tradição cultural herdada pelos descendentes de italianos, e espaço para reunião familiar.

A verticalização tem provocando uma alteração no modo de vida dos novapalmenses, por os mesmos tem o hábito de cultivar pomares e hortas no pátio das casas e/ou em terrenos baldios e construir quiosque (pequena construção, tipo pavilhão, normalmente fechado), no exterior das residências, para receber os amigos e familiares. Entretanto, estes hábitos ficam comprometidos nos espaços verticais, cujo terreno é praticamente utilizado para residências.

Por fim, a cidade novapalmense caminha em direção ao processo de verticalização que contando com uma organização das políticas públicas, a fim de atender esta nova característica urbana resultante de uma reestruturação nas formas urbanas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES

As cidades são o conjunto de construções, modo de vida, serviços e fluxos que representam a obra humana e a dinâmica econômica, política e cultural de uma sociedade. Elas estão sempre em vias de transformação, a fim de atender as necessidades do capitalismo e dos habitantes que residem e trabalham no espaço citadino. Assim, é possível observar várias dinâmicas e processos urbanos como a verticalização urbana.

A verticalização é um fenômeno de construção predial e estruturas verticais que ocupam um terreno. Estas construções apresentam vantagens para o ambiente e população como segurança, aproveitamento de infraestruturas e concentração de serviços e pessoas, mas também implica em menos espaços verdes, ausência de pátios, de privacidade dos moradores e maior alteração do espaço natural.

Nota-se que as verticalizações são mais comuns nas grandes cidades, cuja concentração de pessoas é elevada. No entanto, as pequenas cidades também estão passando, no século XXI, por esse processo urbano, alterando a forma, função, a dinâmica citadina e modo de vida.

De acordo com isso, a pequena cidade de Nova Palma que tem uma dinâmica agropecuária vem apresentando novas funções urbanas com o desenvolvimento do setor de serviços e construção civil, através da intensa construção de prédios presentes nos últimos anos na cidade.

A paisagem urbana de Nova Palma também está sendo alterado, ocorrendo uma miscigenação de formas horizontais e verticais, de velhas e novas construções refletindo outras relações sociais e urbanas.

Evidentemente, a verticalização urbana em Nova Palma surge como resposta ao crescimento urbano e a falta de terrenos disponíveis, em virtude dos vazios demográficos e das condições do solo urbano.

Além disso, a verticalização torna-se um modo de produção capitalista, dos quais empresários e produtores de terra - os chamados produtores do espaço urbano - investem na construção de prédios para vender e/ou alugar. É uma forma de aquisição de renda lucrativa e que tem movimentado a criação de empresas como a Durabile.

A verticalização é uma realidade presente na pequena cidade de Nova Palma, repercutindo num novo olhar para o desenvolvimento de políticas públicas e estudos urbanos, a fim de garantir uma produção do espaço urbano com mínimos problemas socioespaciais.

## REFERÊNCIAS:

BACELAR, W. K. de A. Pequena Cidade: uma caracterização. In: V Encontro de Grupos de Pesquisa. Santa Maria. **Anais eletrônicos...** 25 a 27 de nov. de 2009. Disponível em: [http://w3.ufsm.br/gpet/engrup/vengrup/anais/2/Winston%20Bacelar\\_NEAT\\_UFU.pdf](http://w3.ufsm.br/gpet/engrup/vengrup/anais/2/Winston%20Bacelar_NEAT_UFU.pdf). acesso em: 10 de maio de 2016.

BORTOLATTO, G. R. O processo de verticalização no centro do município de Bento Gonçalves. In: XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Porto Alegre, **Anais eletrônicos...** 25 a 31 de jul. 2010. CD-ROM.

CARLOS, A. F. A. Dinâmicas urbanas na metrópole de São Paulo. **América Latina: cidade, campo e turismo.** Clacso Consejo Latinoamericano de ciencias sociales, San Pablo, diciembre, 2006. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/edicion/lemos/04alessand.pdf>. Acesso em: 20 de abr. 2016.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano.** São Paulo: Ática, Série Princípios, 1995.

DIÓGENES, B. H. N. **Dinâmicas urbanas recentes da área metropolitana de Fortaleza.** 360 f. 2012. Tese (doutorado em Arquitetura e urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ENDLICH, A. M. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do noroeste do Paraná.** 505f. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2006.

\_\_\_\_\_. O estudo das pequenas cidades e os desafios conceituais: as áreas de comparabilidade e complexidade mínima. **Revista Huellas.** Universidad Nacional de La Pampa. La Pampa (Argentina). N.15, p. 149-165, 2011. Disponível em: <http://www.biblioteca.unlpam.edu.ar/pubpdf/huellas/v15a11endich.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2016.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 3ª edição, Revisada e atualizada. Curitiba: Positivo, 2004.

FRANÇA, I. S. de.; ALMEIDA, M. I. S. de. O processo de verticalização urbana em cidades médias e a produção do espaço em Montes Claros (MG). **Boletim Gaúcho de Geografia**. v. 42, n.2, p. 584-610, maio, 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/52944/34038>. Acesso em: 12 de maio de 2016.

GONZALES, S. F. N. A renda do solo urbano: Hipóteses de explicação de seu papel na evolução da cidade. In: FARRET, R. L. (Org). **O espaço da cidade: contribuição à análise urbana**. São Paulo: Projeto, 1985.

KOWARICK, L. **A espolição urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

MACHADO, R.; MENDES, C. M. O processo de verticalização do centro de Maringá-PR, Brasil. **Revista Investigaciones geográficas**. México, n. 52. 2003. Disponível em: [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0188-46112003000300004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0188-46112003000300004&script=sci_arttext). Acesso em: 11 jan. 2016.

MANFIO, V.; BENADUCE, G. M. C. A (re) estruturação urbana e o desenvolvimento local da pequena cidade de Nova Palma/RS. **Revista Geomae**. Campo Mourão. vol. 02, edição especial, 2º sem/2011.

MANFIO, V. **O papel da CAMNPAL na (re) estruturação do espaço urbano de Nova Palma - RS**. 128f. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

\_\_\_\_\_. A cidade e os equipamentos urbanos: uma análise sobre Nova Palma/RS. **Revista Interespaço**. Grajaú-MA, v.1, n.2, p. 137-151, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/4035/2120>. Acesso em: 5 de jan. 2016.

MELO, J. B. DE.; ROMANCINI, S. R. Rondonópolis (MT): intensificação do processo de verticalização em bairro nobre. In: V Colóquio Nacional do NEER, Cuiabá-MT. **Anais eletrônicos...** 26-30 nov. 2013. Disponível em: <http://www.geografia.ufmt.br/neer/>. Acesso em: 12 jan. 2016.

NUCCI, J. C. **Qualidade ambiental e adensamento urbano**. Curitiba: Edição do autor, 2008. Disponível em: [http://www.geografia.ufpr.br/laboratorios/labs/arquivos/qldade\\_amb\\_aden\\_urbano.pdf](http://www.geografia.ufpr.br/laboratorios/labs/arquivos/qldade_amb_aden_urbano.pdf). Acesso em: 1 abr. 2016.

OLIVEIRA, G. A. S. de. **Verticalização urbana em cidades médias: o caso de Santa Cruz do Sul – RS**. 187f. 2012. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento regional)- Universidade de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul, 2012.

OLIVEIRA, G. A. S. de; SILVEIRA, R. L. L da. Do plano real ao programa de aceleração do crescimento: um estudo sobre o processo de verticalização urbana em Santa Cruz do Sul, RS. In:

CAMPOS, H. A. C.; SILVEIRA, R. L. L. da. (org.). **Valorização do solo e reestruturação urbana: os novos produtos imobiliários na Região dos Vales – RS**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014. P. 184- 212.

RAMIRES, J. C. de L. **A verticalização do espaço urbano de Uberlândia: uma análise da produção e do consumo da habitação**. São Paulo. 319f. 1998. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, 1998.

SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**: ensaios. Petrópolis: Vozes, 1979.

SILVA, L. H. da. **A verticalização do espaço urbano**: o caso do Bairro Prado - Recife/PE. 106f. 2008. Dissertação (Mestre em Geografia)- Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SILVEIRA, F. de A.; SILVEIRA, J. A. R. da. Qualidade do espaço residencial: efeitos da verticalização no bairro de Tambaú, na cidade de João Pessoa (PB). **URBE: Revista Brasileira de Gestão Urbana**. Curitiba-PR, v. 6, n. 3, p. 289-305, set./dez. 2014. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/urbe?dd99=issue&dd0=583>. Acesso em: 12 de maio de 2016.

SILVEIRA, R. L. L. da. **Cidade, corporação e periferia urbana**: acumulação de capital e segregação espacial na (re)produção do espaço urbano. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

TÖWS, R. L. **O processo de verticalização de Londrina e de Maringá (PR) Brasil**: O Estado e o capital imobiliário na produção do espaço. 265f. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

TÖWS, R. L. et. al. A verticalização no norte central paranaense: o caso de Araçongas. In: MENDES, C. M.; TÖWS, R. L. **Geografia urbana e temas transversais**. Maringá: Eduem, 2009. p. 11-31.

UEDA, G. S. **Verticalização das cidades brasileiras**: uma desconstrução do espaço social. 196f. 2012. Dissertação (Mestre em Engenharia urbana) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.